

Professores de jazz do ESMAE escolheram música de Kenny Wheeler para o concerto anual

written by António Ferro | 24 de Abril, 2024



Os professores de **Jazz da ESMAE**, subiram ao palco do Teatro Helena Sá e Costa, no passado dia 19 de abril (sexta-feira), no Porto, para apresentarem reportório do compositor e trompetista canadense **Kenny Wheeler**.

Voz: Fátima Serro; Trompete: Ricardo Formoso; Saxofones: Mário Santos; Trombone: Paulo Perfeito; Vibrafone: Jeffery Davis; Guitarra: Eurico Costa; Piano: Hugo Raro e Daniel Bernardes; Contrabaixo: José Carlos Barbosa e Bateria: Marcos Cavaleiro e Acácio Salero. **Onze músicos em palco.**

Nascido em Toronto no ano de 1930, mas radicado na Inglaterra desde 1952, Kenny Wheeler foi no final dos anos 1960 uma figura altamente conceituada na cena londrina. O trompete e flugelhorn, são os instrumentos de eleição que fazem parte integrante na sua música, principalmente nas pequenas formações, onde a voz de Norma Winstone se encaixa perfeitamente nos arranjos musicais.

Influenciado por Clifford Brown e Art Farmer, conseguiu criar uma extensão estilística que desde logo o demarcou dos demais. Sempre muito bem acompanhado por grandes músicos: John Stevens, Evan Parker, Dave Holland e Derek Bailey, entre outros.

Segundo as suas palavras, *“o material livre relaxou a minha forma de tocar convencional e a forma de tocar convencional deu forma aos meus solos livres”*, e as ideias descobertas na improvisação, especialmente o gosto pelos saltos intervalados, foram posteriormente implementadas nas suas peças. Podemos citar ainda Duke Ellington, Gil Evans e Stan Kenton como influências formativas na sua escrita musical, mas também ouviu atentamente composições clássicas e contemporâneas; Paul Hindemith foi outra influência importante.

O tema *“Everybody Song But My Own”*, com todo o ensemble, revelou grandes solos de vibrafone de Jeffery Davis, e de contrabaixo de José Carlos Barbosa e Fátima Serro, a mostrar a sua versatilidade vocal num bonito solo de voz. Mário Santos, o eterno irreverente, a fazer ouvir o seu potente sax tenor.

O momento intimista da noite chegou-nos com o tema *“For Jam”*, com uma formação inusitada. Voz, sax soprano, vibrafone e contrabaixo. Excelente momento musical, alegrou a alma do público numa sala lotada.

Em *“Gentle Peace”* ouviu-se uma sonoridade díspar... O uníssono da voz e do flugel, funcionou muito bem. O trombone e o sax esperaram, e só mais tarde se juntaram ao grupo. Mais uma vez,

a voz como instrumento de sopro, num encadeamento harmónico e tímbrico notáveis. As notas do contrabaixo longas e “cheias”, a lembrar Charlie Haden, e a guitarra de Eurico Costa fez o seu segundo solo da noite, um solo cheio de expressão e intensidade. Ouvimos um solo de vibrafone que pelo entusiasmo das baquetas , atrevo-me a apelidá-lo de “indomável”.

O penúltimo tema “*One, Two, Three*”, traz-nos outro duo na exposição, a voz desta vez, escolheu o trombone para seu cúmplice. O contrabaixo fez um solo pujante, o piano de Daniel Bernardes, atreveu-se num solo a duas mãos em uníssono. O trombone, ansioso por fazer ouvir a sua voz, presenteou-nos com um solo, onde as notas certas, estiveram sempre nos tempos certos.

Para encerrar em beleza esta grande noite de jazz, foi escolhido o tema “*Fox Trot*”. Se é Foz Trot, tem que haver solo de bateria! Mas antes tivemos um excelente solo de sax tenor, sempre a fugir do microfone, mas nunca a “fugir” da alma que o toca. Não me esqueci da bateria, pois o final do tema foi todo dela!

E os onze professores, alinharam-se na frente do palco, para agradecer as palmas. Ricardo Formoso, desempenhou o papel de Kenny Wheeler. Não só pela sonoridade doce e “contida”, como pelo seu fraseado limpo, fluente e expressivo. Marcos Cavaleiro, um baterista com grande personalidade e Hugo Raro, um pianista que desde cedo escolheu outros caminhos musicais e conseguiu manter sempre o seu cunho pessoal, a sua marca.



Direitos Reservados

Comentário de António Ferro

Poderiam ter arranjado um músico de acesso mais fácil, não quero dizer que a música de Wheeler seja difícil, porque não é. É uma música dócil, serena, onde a dissonância é

extremamente bem conseguida, está lá, mas não na primeira fila...A presença da voz, como mais um instrumento de naipe, cria uma sonoridade diferente e muito agradável, a recordar a inclusão de Norma Winstone nos arranjos de Wheeler. Parabéns à Fátima, pois esteve muito bem, com saltos melódicos difíceis e com a “metalada” a tentar abafar a sua linha melódica, mas não por maldade , pois a intensidade de alguns instrumento é difícil de diminuir.

Gostei das escolhas dos solos em relação aos temas. Já não suporto, aquela “herança” do Be-Bop, todos têm que solar em todos os temas. Os arranjos musicais, na sua maioria, foram escritos por Ricardo Formoso, Mário Santos, Acácio Salero, Eurico Costa e José Carlos Barbosa.

Uma noite muito agradável, com uma música intensa, elegante, graciosa, imoderada e arrebatadora.